
EDITORIAL

Paulo Freire, o amigo, o revolucionário, o pensador¹

Escrever sobre um homem com uma obra concebida, teorizada e enraizada numa prática de intervenção no social como a de Paulo Freire, um homem que, com a límpida coerência construída e assumida ao longo de toda a sua vida, afirmou que «luta porque ama», um homem que disse querer ser lembrado com a frase «Paulo Freire viveu, amou e quis saber»², é não só difícil mas também de extrema responsabilidade. Para nós que trabalhamos em educação, para todos nós que também tentamos contribuir para que a escola seja mais democrática, menos reprodutora, mais do que uma figura tutelar que admiramos profundamente, Freire foi uma personalidade estimulante, desafiadora, cuja existência, ao mesmo tempo que constituindo uma referência importante, provocou em muitos de nós inquietações e mudanças tão importantes quanto difíceis de descrever. Foi alguém que forçou limites que rodeiam e paralisam a educação, que, pela palavra e pela prática, corporizou, em terrenos de exclusão, o que Giroux designou por «linguagem da possibilidade». E foi-o fazendo através de uma articulação corajosa e original de posicionamentos teórico-ideológicos construídos através de uma lucidez utópica e de uma paixão pelo trabalho a realizar, articulação essa que não

¹ Número temático organizado por Luiza Cortesão, Licínio C. Lima e com a colaboração de Stephen Stoer.

² Torres, C. A., 1997.

possibilitou nunca uma localização fácil dos seus trabalhos em quadros pré-existentes em que muitas vezes se tentou situar este revolucionário-pensador.

Ele não é, assim, facilmente capturável num texto, dada a potência, a riqueza, a originalidade, a independência que assumiu em toda a sua vida e obra. Mais. Tem-se até pudor de tentar referi-lo através de um discurso escrito porque, mesmo que muito elogioso, falta-lhe o principal: um texto não suscita debate, porque será sempre um texto *sobre* ele e não *com* ele. E talvez Freire gostasse mais de ser evocado através de uma boa discussão (não foi ele que afirmou pouco antes da sua morte que «nós somos seres de briga?») ou recordado através de uma luta, de um projecto, de uma actividade real no campo educativo. Não foi também ele que, logo na *Educação como Prática de Liberdade*, defendeu «em vez da aula discursiva o diálogo»? Não foi ele que ultimamente publicou os seus livros sobretudo em forma de entrevista?

Assim sendo, sentimos a pequenez de inadequação do recurso a um texto laudatório face à sua personalidade pujante, simultaneamente criativa e reflexiva, face à sua obra corajosa, eminentemente comprometida sob o ponto de vista ideológico.

Por isso pensamos que para nós, professores de esquerda, para nós que, no nosso pequeno canto, também lutamos pela democratização da educação, talvez seja mais coerente com o que Paulo Freire representa organizar um número da Revista *Educação Sociedade & Culturas* que seja um bom instrumento de estudo e um bom estímulo de trabalho para os que desenvolvem a sua actividade nas áreas em que Freire se moveu. É que um número que reúna testemunhos e análises críticas do significado e implicações do seu trabalho em diferentes vertentes, um número que constitua um ponto de partida para outros trabalhos, poderá já aproximar-se de ser um projecto mais coerente com o que significou a sua vida e obra.

Antes de referir o modo como o número 10 da Revista está organizado, gostaria, porém, de contar uma coincidência estranha, quase emocionante: na semana da morte de Paulo Freire, esteve entre nós um seu amigo e colaborador, Carlos Alberto Torres, que, para além de ser professor da Universidade de Los Angeles, é um dos directores fundadores do Instituto Paulo Freire em S. Paulo. Ele veio ao Porto para o lançamento de um livro de que é um dos autores, em cuja revisão científica da tradução (feita por Tiago

Neves, um jovem sociólogo português), Steve Stoer e eu própria estivemos envolvidos. Esse livro, *Teoria Social e Educação*, tem Paulo Freire muito presente ao longo do texto. Além disso, durante a sua estadia, Carlos Alberto Torres fez, a nosso convite, no CES, em Coimbra, uma conferência muito estimulante, no âmbito de um projecto em que trabalhámos. O tema abordado foi «Jürgen Habermas, Paulo Freire e a Pedagogia Crítica. Novas Direcções para a Educação Comparada», que é aliás um dos textos que consta deste número da Revista. Com a conferência e através do debate realizado no fim, discutiu-se a obra, a fundamentação e relacionamentos teóricos de Paulo Freire. A propósito, Torres falou-nos longamente de Freire como um grande amigo, como alguém com quem privava e que muito admirava. Além disso, estávamos-nos a preparar para que, na semana seguinte, Paulo Freire, na sua ida para Lisboa e Faro (onde ia ter lugar o seu doutoramento *Honoris Causa*) passasse pelo Porto e ficasse algum tempo connosco, expectativa que nos excitava e emocionava.

Foi portanto uma semana em que Freire esteve sempre presente nas nossas conversas, nas nossas discussões. Torres partiu para Paris e dois dias depois soubemos da morte de Paulo Freire. Se é que isto é possível, o enorme espaço vazio deixado foi, dadas as circunstâncias, ainda maior.

A ideia de organizar um número da Revista sobre Paulo Freire surgiu assim imediatamente no meio do espanto, da mágoa face à perda irremediável com que nos confrontámos. Como se, como atrás foi dito, se tentasse o impossível: e o impossível seria que analisar criticamente a sua obra, evocar a sua acção, discutir os seus trabalhos, recordar momentos com ele passados fosse algo próximo de trabalhar com ele. Porém, apesar de ter sido imediata a ideia de produzir este número, as exigências da programação da Revista só agora permitiram que ela fosse concretizada.

Embora totalmente consagrado a Paulo Freire este número é constituído pelas secções normais: assim sendo, nele se inserem os *Artigos* escritos por autores que com ele trabalharam e lutaram e/ou que reflectiram sobre a sua obra; o *Arquivo*, que desta vez consiste numa folha de um caderno escrito pelo punho de Paulo Freire e passado a Raúl Iturra numa noite em que ambos trabalhavam com um grupo de camponeses; as *Recensões*, que são aqui, obviamente, de livros de Freire, feitas por dois brasileiros que foram seus

alunos; e os *Diálogos sobre o Vivido* que nos oferecem uns «flashes» breves e emotivos, através de depoimentos de portugueses e brasileiros sobre a relação com Freire e o efeito indelével e estimulante que tinha sobre aqueles que com ele contactavam. Incluímos também uma Bibliografia (não exaustiva) organizada a partir de dados fornecidos pelo Instituto Paulo Freire.

Foi, porém, com a organização dos artigos que, como organizadores do número, Licínio Lima e eu própria tivemos algumas dificuldades: como se pode ver, a natureza destes é bastante diversificada. Nos textos de Gadotti, Casali e Iturra, a recordação de Freire, a referência à partilha de muitas lutas, a emoção da relação com ele estabelecida entrelaçam-se com uma análise da sua obra e do que ele significa para o trabalho de pesquisa e intervenção. Neste grupo de artigos, esta segunda vertente, de carácter mais analítico, talvez esteja subordinada à primeira. Nos textos de Raymond Allen Morrow e Carlos Alberto Torres, Licínio Lima e Peter McLaren é a análise teórica que se sobrepõe, embora os outros aspectos não estejam também ausentes.

Poderíamos organizar a revista começando com textos mais evocativos e terminando com os mais analíticos. Poderíamos fazer exactamente o contrário. Ambas as opções seriam aceitáveis. Mas poderíamos também (numa opção mais simbólica) entrecruzar o afecto, a intervenção e a análise. Assim, decidiu-se começar e terminar com textos mais teóricos, de Licínio Lima e Carlos Alberto Torres e Peter McLaren, colocando entre eles os textos de Gadotti, Gutiérrez, Iturra e Casali, esperando que esta mistura de amizade, de insubmissão, de saber e de estímulo intelectual de certo modo traduza a complexidade de incentivos, de aprendizagens, de empenhamento e afectos que Freire suscitou e suscita em todos nós.

Porto, Junho de 98

Luiza Cortesão